

UM ENFOQUE ETNOLINGÜÍSTICO DA AFASIA: O CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS (UNICAMP) COMO UMA COMUNIDADE DE FALA¹

Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO

RESUMO: Neste trabalho, investigamos o Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Defendemos: a) que o CCA é uma comunidade de fala que se caracteriza pela prática clínica que relaciona língua(gem), cultura e sociedade e pela construção do saber dessa prática na relação entre língua(gem), cultura e sociedade; b) que nas situações comunicativas e eventos comunicativos em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA, a língua(gem) apresenta-se constitutivamente incompleta, falha e heterogênea, características da ordem própria e estrutural da língua quando usada também pelos sujeitos não-cérebros-lesados. Para tanto, com base em conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados aos conceitos e postulados da Neurolingüística Discursiva, analisamos o corpus da pesquisa, constituído de transcrições de gravações de situações comunicativas e eventos comunicativos vivenciados entre 2002 e 2004, no Grupo II do CCA. Os resultados indicam que, ao lado dos sujeitos não afásicos do CCA, os sujeitos afásicos, inseridos nessa comunidade de fala, são levados a enfrentar a afasia, agindo com e sobre a linguagem, a partir de repertório comunicativo variado que inclui recursos lingüísticos e não lingüísticos, em diferentes situações discursivas/comunicativas e eventos discursivos/comunicativos.

ABSTRACT: In this work we examine the Centro de Convivência de Afásicos (CCA). We argue that: a) the CCA is a speech community which is characterized by clinical practice that relates language, culture and society and by the knowledge construction of this practice in the relationship between language, culture and society; b) in communicative situations and communicative events in which the brain damage subjects at CCA are engaged, the language is incomplete, defective and heterogeneous, characteristics considered as being part of the language proper order and structure when used by subjects without brain damage as well. Thus, based upon theoretical concepts and postulates of the Ethnography of Communication's theoretical framework and concepts and postulates of Discursive Neurolinguistics, we have analyzed the research corpus which is constituted of recording transcriptions from communicative situations and communicative events realized from 2002 to 2004 at CCA's Group II. The results suggests that as the non-aphasics-subjects at CCA, the aphasic ones who are part of this speech community face aphasia by acting with and about the language, using linguistic and non-linguistic resources in different discursive/communicative situations and discursive/communicative events.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo principal investigar se o Centro de convivência de afásicos (CCA) funciona como uma comunidade que se caracteriza pela prática clínica que relaciona língua(gem), cultura e sociedade. O trabalho teve ainda como objetivos específicos: (i) descrever o funcionamento das situações comunicativas

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado intitulada “Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala”, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 19 de dezembro de 2006, sob orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim e co-orientação da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry.

em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA; (ii) descrever as atitudes dos sujeitos cérebros-lesados diante das alterações que apresentam na linguagem, observando os primeiros momentos de sua (dos sujeitos cérebros-lesados) inserção na prática clínica com a linguagem do CCA e os momentos em que já estão inseridos em tal prática; (iii) descrever as atitudes dos pesquisadores na prática clínica de inserção dos sujeitos cérebros-lesados em eventos comunicativos no CCA.

Dessa forma, motivaram a pesquisa as seguintes questões: a) relacionando língua(gem), cultura e sociedade, podemos caracterizar o CCA, a partir da prática clínica com a linguagem que aí (CCA) se exerce, como uma comunidade?; b) qual o funcionamento sociocultural da linguagem usada pelos sujeitos cérebros-lesados inseridos nas situações de interação comunicativa do CCA?; c) partindo da relação língua(gem), cultura e sociedade, qual a atitude dos sujeitos cérebros-lesados, inseridos na prática clínica do CCA, diante das alterações que apresentam na linguagem?; d) partindo da relação língua(gem), cultura e sociedade, qual a atitude dos pesquisadores do CCA na prática clínica com os sujeitos cérebros-lesados?

Para responder a essas questões, recorreremos ao *corpus* constituído por transcrições de gravações de situações comunicativas e eventos comunicativos vivenciados entre 2002 e 2004, no Grupo II do CCA e o acompanhamento da inserção de 4 sujeitos que iniciaram no grupo em 2002.

2. A BASE TEÓRICA

O suporte teórico da tese se baseou nos conceitos e postulados teóricos da Etnografia da Comunicação aliados aos conceitos e postulados da Neurolinguística Discursiva (ND). Como a tese está relacionada ao CCA, apresento em linhas gerais o CCA e o conceito de afasia.

Afasia – do grego *aphasia* – significa falta de fala, inabilidade de dizer alguma coisa sobre algo. O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) foi criado em 1989, é fruto de um convênio interdisciplinar entre o Departamento de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem com o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Universidade Estadual de Campinas (São Paulo/Brasil). Trata-se de um lugar de convivência entre pessoas afásicas e não-afásicas (pesquisadores terapeutas e familiares/amigos), interação mediada pela linguagem verbal e não-verbal, bem como por sua relação com sistemas não-verbais; mediada ainda por um saber técnico sobre a linguagem e os processos cognitivos (memória, percepção, praxia/corpo, atenção) que integram o funcionamento do cérebro/mente.

Voltando para o eixo teórico 1, apontamos, a partir de (Coudry, 2002b), cinco conceitos de afasia, quais sejam: o primeiro e o segundo baseados em dissociações e relacionados respectivamente aos estudos de Broca (1861) e de Wernicke (1874); o terceiro inaugura a conceitualização baseada em relações, sendo Jackson (1874) e Freud (1871) representantes disso no século XIX; o quarto, no século XX, são os estudos de Luria e Jakobson que contribuem para a teorização neuropsicológica e linguística da afasia; e o quinto conceito de afasia vem sendo desenvolvido por Coudry e pesquisadores em diferentes níveis por ela orientados, a partir do início dos anos oitenta

do século XX até se consolidar em uma formulação mais recente, a Neurolingüística Discursiva (ND).

Para a ND, a afasia

trata-se de uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações em um dos níveis lingüísticos, com repercussão em outros, no funcionamento discursivo. Causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos ou tumores, a afasia, em geral, é acompanhada por alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos (como a hemiplegia, as agnosias, as apraxias, a discalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e interpretação. (Coudry, 1986-1988, p. 55)

Historiando um pouco, ressaltamos que, no início da década de 80 do século XX, podemos encontrar, no Brasil, trabalhos de lingüistas voltados para questões ligadas ao estudo discursivo de processos lingüístico-cognitivos envolvidos nos casos de afasia. O trabalho pioneiro de Coudry introduziu estudos neurolingüísticos no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, como já abordado no capítulo introdutório deste trabalho. Essa pesquisadora e o seu grupo de pesquisa (vinculado ao *Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados* – CNPq: 521773/95-4) vêm desenvolvendo uma abordagem discursiva para avaliar e compreender processos de significação, patológicos ou não, que ocorrem na linguagem do sujeito afásico. A partir dessa perspectiva, conforme a autora, explicitam-se

(...) e se tratam conceitualmente princípios que, desde o início nortearam os estudos neurolingüísticos de tradição proeminentemente lingüística: a questão dos processos de significação. **Enunciativo** porque importa a **enunciação para o outro**, em meio a contingências próprias de uso social da linguagem; **discursivo** porque é a forma da linguagem expor-se como atividade significativa, condicionada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes (Coudry, 1986-1988, p. 12)

Essa Neurolingüística critica a avaliação de linguagem parcialmente realizada e exercida sobre o domínio da tradição escrita normativa e apartada do exercício intersubjetivo e social da linguagem, e padronizada para sujeitos ideais. Questiona ainda sobre “que chances têm nossos sujeitos afásicos, falantes de variedades vernaculares, se forem avaliados a partir de testes pautados em uma variante padrão veiculada pela escola?” (Coudry, 2002a, p.112).

Temos aqui, o quinto conceito de afasia, formulado por Coudry, que parte de uma teoria indeterminada e pública de linguagem formulada por Franchi (1977). Conceito que apresentamos logo no início deste capítulo e que considera que o *sentido* não é dado *a priori*, mas se faz em meio a contingências sócio-históricas, incluindo fatores contextuais, o que sabemos ser muito diferente do que se preconiza na área médica para avaliar e tratar (d)as afasias.

Para Coudry, a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia) – diferente da abordagem tradicional assentada em tarefas metalingüísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta da língua – insere-se no exercício de práticas que fazem sentido para o sujeito, relacionadas a práticas sociais com a linguagem. É possível perceber que, na perspectiva de Coudry (1986,

1993, 1995, 1999, 2002a, 2002b), a avaliação da linguagem em contextos patológicos não pode ser dissociada das situações de uso social.

Considerando o outro aparato teórico em que esta tese está afiliada, ou seja, a Sociolingüística, ressaltamos que essa área se ocupa das questões e estudos sobre a relação entre língua, cultura e sociedade. Segundo Alkmim (2003), a Sociolingüística é vista como “difusa”, carente de densidade teórica e limitada a práticas empiricistas, quando comparada a domínios sofisticados como a Sintaxe e a Fonologia.

Apontando a questão-chave dessa área: “quais são os seus pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos?”, Alkmim (2003) apresenta uma reflexão sobre a área da Sociolingüística. Ela delinea as raízes históricas dessa área e o desafio teórico metodológico para captar a diversidade lingüística.

Interessamo-nos aqui pela Etnografia da Comunicação e historiamos que em 1962, com a publicação do artigo de Hymes “The Ethnography of Speaking”, temos a apresentação do que seria a primeira versão de um novo domínio de investigação dedicado ao estudo da fala concebida como fenômeno sociocultural, inaugurando, assim, em nível teórico, a *etnografia da fala* (*ethnography of speaking*). Em 1964, com a publicação de um suplemento da revista *American Anthropologist* intitulado “The Ethnography of Communication” (Gumperz e Hymes), temos a obra que apresenta, de maneira oficial e real, o nascimento da Etnografia da Comunicação (*Ethnography of Communication*).

Desde seu surgimento, a Etnografia da Comunicação supôs, para a antropologia lingüística e outras disciplinas encarregadas do estudo da linguagem, uma troca de enfoque importante. A língua, entendida como objeto social, passa a ser estudada, também, no contexto de uso. A Etnografia da Comunicação apresenta uma dimensão de análise geral e outra particular, conforme Saville-Troike (1982, p. 2), por um lado, pretende descrever e entender o comportamento comunicativo em situações culturais específicas e, por outro, pretende formular conceitos e teorias que dêem suporte a uma metateoria global da comunicação humana.

Apresentamos alguns conceitos da Etnografia da comunicação importantes para a realização da tese. A *competência comunicativa* que é constituída pelo o conhecimento que combina o saber gramatical com saber social dos indivíduos. Segundo Hymes (1967), para se conhecer uma língua não é suficiente apreendê-la somente do ponto de vista gramatical, é necessário saber o que é social e culturalmente aceitável entre os seus falantes, isto é, o *repertório comunicativo*. Assim, os indivíduos têm acumulada na sua competência comunicativa uma gama de variedades (sociais, profissionais, geográficas, estilísticas, etc.) que lhes permitem comunicar-se em diversas situações. O saber acumulado que faz parte do *repertório comunicativo* é de natureza individual, ou seja, cada falante desenvolve o seu próprio conhecimento de maneira particular conforme sua experiência.

Mas o saber que se acumula no repertório comunicativo é compartilhado, é comum ao grupo social no qual o indivíduo está inserido, ou seja, é comum à *comunidade de fala*, unidade que compartilha de regras de conduta e de interpretação, sendo assim, compartilhar as regras do código não é suficiente. Nessa perspectiva, os sujeitos são estudados no contexto social e são vistos como seres competentes dentro das suas comunidades de fala, o que permite conceber e descrever uma comunidade como um

todo organizado por normas compartilhadas (incluindo as normas que regulam o uso de um ou de diversos códigos comunicativos), por uma mesma concepção social e cultural do mundo, e não como um grupo de pessoas que utiliza uma mesma língua, conceito preliminar que possibilita que a unidade de descrição seja vista como social e não somente a partir do lingüístico.

Outro conceito relevante para esta pesquisa foi o de situação comunicativa, ou seja, unidade social na qual tem lugar uma atividade de tipo interacional culturalmente definida, como, por exemplo, uma cerimônia, uma reunião, uma festa, etc., onde o emprego da fala não tem por que ser imprescindível, ou seja, é marcada pela fala ou pela ausência da fala. Uma *situação comunicativa* é uma interação social de caráter amplo assentada no ponto de vista de uma comunidade. O *evento comunicativo*, por outro lado, é a unidade social que se encontra no interior de uma situação comunicativa e que compreende as interações nas quais os usos dos códigos comunicativos são regulados por regras de uso comunicativo. Entre as regras, estão as que regulam a fala, ora para que esta se produza, ora para que não se produza. Os códigos verbais têm função constitutiva, mas o verbal não é o único elemento que pode constituir o evento, pois o que encontramos no mundo real são situações em que o verbal se entrecruza com o não-verbal para sustentar os eventos comunicativos. Por fim, o conceito de ato de fala que Hymes (1967, p. 20), inspirado em Austin, define, inicialmente, como a menor unidade social analisável, dotada de intenção comunicativa. Em 1972, o autor reformula o conceito, estabelecendo a diferença entre essa unidade, considerada de natureza social, e as unidades gramaticais ou sintáticas.

A partir desses conceitos é que pensamos no CCA como uma comunidade de fala.

3. CCA: UMA COMUNIDADE DE FALA

O ponto de vista do CCA, como comunidade de fala, é sustentado pelos estudos em Neurolingüística de orientação discursiva que combate a medicalização que se pratica quando a língua(gem) é tomada como determinada, padrão para todos os falantes, o que condiciona o que é certo e o que é errado, além de estigmatizar as variedades que fogem à norma padrão. São preocupações fundantes dessa prática (clínica) com a linguagem: o não-isolamento social dos afásicos, o enfrentamento da afasia e a construção de possibilidades de o afásico estar no mundo e o exercício *com* e *sobre* a linguagem, nas diferentes situações discursivas/comunicativas e eventos discursivos/comunicativos.

Com relação ao funcionamento sociocultural da linguagem usada pelos sujeitos cérebros-lesados inseridos nas situações de interação comunicativa do CCA, afirmamos que, na perspectiva discursiva, parte-se dos mecanismos e processos (neuro)lingüísticos envolvidos no conhecimento das dificuldades e possibilidades de reorganização do estado cognitivo geral do sujeito afásico, e do estabelecimento de sentido, considerando as variedades vernaculares do português brasileiro e as diferentes configurações textuais em que podem se apresentar, o verbal e o não-verbal. Diferentemente da tradição de se avaliar a linguagem no contexto patológico a partir de atividades essencialmente

metalingüísticas, descontextualizadas e assentadas na variedade culta (escrita) e normativa do português.

As sessões do CCA, que denominamos de *situações comunicativas*, ocorrem, semanalmente, com duas horas de duração. Nas *situações comunicativas*, os sujeitos afásicos, junto com os sujeitos não afásicos, participam de *eventos comunicativos* que possibilitam a vivência de situações de uso sociocultural da linguagem, em contextos verbais e não-verbais, na construção de sentidos. Os sujeitos afásicos são motivados, em grupo, a exercer a linguagem em diversos *eventos comunicativos* (diálogos, narrativas, comentários) em que há alternância de interlocutores, diferentes posições enunciativas e configurações textuais.

Assim, quando surgem problemas, como o de **SL**, como exemplo, ao tentar falar *eclipse*, surgem, também, as possibilidades já existentes no funcionamento da linguagem.

Em uma das situações comunicativas, Imc propõe um evento que diz respeito à conversa sobre diversos assuntos, a exemplo do eclipse lunar que ocorreu na noite de 08/11/2003. Nesse evento, observamos que **SL** queria contar a seu interlocutor que tinha visto o eclipse da noite anterior. Tentou seguidas vezes dizer a palavra eclipse, mas várias parafasias ocorriam em seu lugar, e seu interlocutor não compreendia. Mas **SL** não desistiu.

O que fez? Em uma folha de papel, escreveu a letra E, tirou um clipe da agenda de seu interlocutor e juntou-o ao E já escrito, o que resultou em eclipse. **SL** selecionou um segmento da palavra eclipse (E) e combinou com um objeto (clipe, que se diz “clips”), dispondo os dois no papel (E+objeto), produzindo uma ligação não-oficial – um “gato” – entre a representação-de-palavra e a representação-de-objeto (Freud, [1891]1973). Assim é que se articulam linguagem (oral e escrita) e percepção (auditiva e visual) em uma espécie de síntese paradigmática e sintagmática, suportada por um cérebro e um sujeito em ação para realizar seu intuito de dizer.

SL pôs em relação linguagem e percepção para produzir o sentido desejado (Abaurre e Coudry, no prelo). Em suma, apesar da afasia, **SL** explorou seu repertório comunicativo verbal e não-verbal para *dizer eclipse* e ilustrar o que acontece nesse fenômeno.

A atitude dos sujeitos cérebros-lesados inseridos no CCA é a de se manterem como sujeitos de linguagem na sociedade. Isso indica que o CCA atinge sua meta fundante da prática (clínica) com a linguagem, que, como já dito, é a ação contrária ao isolamento social dos afásicos. Tal atitude os fortalece para enfrentar a afasia e a construção de possibilidades de estar no mundo, por meio do exercício constante *com* e *sobre* a linguagem, nas diferentes situações e eventos comunicativos. Isso é o que faz do CCA uma comunidade de fala.

O verbal, o não-verbal, as pausas, as hesitações e o silêncio que aparecem nas situações comunicativas dessa comunidade fazem parte do repertório comunicativo do grupo, mas não são exclusivos dele, porque são fenômenos estruturadores e organizadores do fluxo discursivo nos eventos comunicativos em geral, que são interligados e determinados por constituintes lingüísticos e por circunstâncias sociais, bem como culturais. As hesitações/disfluências comuns estão presentes na fala de todos

os falantes. Incluem as pausas silenciosas hesitativas, as pausas preenchidas (“éh”, “ah”, “mm”), os prolongamentos finais, as repetições de palavras e os falsos inícios.

Nas situações apresentadas na tese, as repetições de sons e sílabas, os prolongamentos iniciais e os bloqueios (“travamentos”) ocorrem mais que o habitual; em outras ocasiões, ocorrem devido às condições enfrentadas pelo sujeito falante. Entretanto, quando isso ocorre, buscam-se recursos no não-verbal, como no caso de **DN**, ao gesticular com a cabeça, ou buscando o recurso da escrita, como no caso de **SL**. O interessante é que o recurso ao gesto, à escrita, à entonação/ritmo tem se apresentado aos afásicos como uma espécie de *contextura*, no sentido de Jakobson (1969), que restabelece o *dizer* da vontade de falar, de um lado, e da vontade de saber sobre a afasia (de saber fazer e fazer saber) os pesquisadores inserem os afásicos em situações comunicativas com variados eventos comunicativos que fazem parte da prática clínica em que não se separa língua, cultura e sociedade.

Ao descrever e analisar essa comunidade, observamos algumas peculiaridades, cabendo ressaltar algumas. O CCA é uma comunidade fruto de uma história, de uma história de grupo e de uma história individual relacionada à afasia: sua vivência, seu estudo e a prática (clínica). Essa comunidade não apresenta anomalias, como o senso comum poderia esperar; quando surge instabilidade na comunicação, aflição para falar, pausas inesperadas, surge também a cooperação.

Essa comunidade rompe com a terapêutica tradicional (em que se nota a ausência da Lingüística para orientar a avaliação e o seguimento terapêutico; aquela que toma como erro fenômenos sintáticos, morfológicos, fonológicos), focada na doença e nas atividades metalingüísticas.

Os participantes dessa comunidade estão mergulhados em eventos de diversas outras comunidades, sendo a família uma delas.

Para analisar a comunidade CCA não utilizamos a língua como o elemento definidor, mas a prática (clínica) com a linguagem, um tipo de situação comunicativa que restaura o sujeito como indivíduo socialmente ativo.

Em Fotografias de quatro sujeitos, fizemos um acompanhamento da inserção no CCA, observamos que o grau e a natureza do comprometimento das funções lingüísticas pode ser diferente, entre os participantes cérebro-lesados do grupo. Dos quatro sujeitos focalizados neste estudo, há quem apresente mais e menos dificuldades para se expressar, por dificuldade na combinação de unidades fônicas para formar unidades maiores (**DN**), (o que ocorre também com **IC**, **CF**, participantes que ingressaram no grupo antes do período em análise), ou por dificuldade de selecionar palavras e combiná-las com outras na cadeia sintagmática (**SL**), ou por disartria, que modifica o ritmo da fala e causa tensão vocal (**RL**), ou por dificuldades de conter a seleção de palavras na cadeia associativa (**SL**), ou por dificuldades perceptivas que impedem o reconhecimento da escrita/leitura (**DZ**).

Entretanto, todos os sujeitos observados continuam exercendo papéis variados com a linguagem que têm: introduzem temas na conversação, mantêm esse tema, terminam as interações quando necessário, solicitam ajuda e ajudam os que precisam, utilizam sistemas semióticos verbal e não-verbal, atuando, assim *com* e *sobre* a linguagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já no início do trabalho, afirmamos que *os problemas de linguagem como a afasia* podem ser estudados considerando a relação língua(gem), cultura e sociedade. No decorrer deste trabalho, buscamos caracterizar o CCA, a partir da prática (clínica) com a linguagem que nele se exerce, como uma comunidade. Os sujeitos afásicos nesta comunidade são atuantes no curso de suas vidas, através do exercício – reflexivo e intersubjetivo – com a linguagem, a memória, a percepção, o corpo, tal como que se estabelece na sociedade em que se inserem.

Pensando nos aspectos sociais e culturais da linguagem, oriundos dos estudos que surgiram a partir da área da Linguística que se ocupa das questões e estudos sobre a relação entre língua, cultura e sociedade, ou seja, a Sociolinguística, mobilizamos, para a caracterização da comunidade CCA, conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados aos conceitos e postulados da Neurolinguística Discursiva. Dessa forma, por um lado, os princípios metodológicos como os conceitos da Etnografia da Comunicação foram de grande utilidade descritiva e analítica para o estudo das interações produzidas no contexto específico do funcionamento da comunidade CCA. A aplicação de conceitos como comunidade de fala, competência comunicativa, repertório comunicativo, situação comunicativa, evento comunicativo e ato de fala nos levaram a investigar diversos aspectos de natureza linguística e sociocultural não estudados nessa comunidade. Para realizar os estudos neste campo, partimos do princípio geral de que a análise das interações considera fatores que não são exclusivos do âmbito linguístico.

Defendemos, em síntese, que o CCA é uma comunidade de fala que se caracteriza pela prática clínica que relaciona língua(gem), cultura e sociedade e pela construção do saber dessa prática na relação entre língua(gem), cultura e sociedade; que nas situações comunicativas e eventos comunicativos em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA, a língua(gem) apresenta-se constitutivamente incompleta, falha e heterogênea, características da ordem própria e estrutural da língua, quando usada também pelos sujeitos não-cérebros-lesados; que a atitude dos sujeitos cérebros-lesados inseridos no CCA é de permanecerem como sujeitos de linguagem na sociedade; e que a atitude dos pesquisadores é a de inserir os sujeitos cérebros-lesados em eventos comunicativos, através da prática (clínica) em que não se separa língua(gem), cultura e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M. I. H. (no prelo). *Em torno de sujeitos e de olhares*.
- ALKMIM, T. M. (2003). “Considerações sobre o campo da sociolinguística”. In: Albano E. et alii (orgs.), *Saúdes da língua*. Campinas: Mercado de Letras.
- COUDRY, M. I. H. (1986). *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. (1993). “Neuropsicologia: Aspectos biológicos e sociais”. In: Rodrigues, N; Mansur, L. L. (orgs.), *Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística*, vol. I. São Paulo: Tec Art.
- _____. (1995). *Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística*, vol. IV, 1. São Paulo: TecArt Editora.
- _____. (1996). “O que é o dado em Neurolinguística”. In: Castro, M. F. P. (org.), *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. (1997a). “Centro de Convivência de Afásicos: Fundamentos teóricos e metodológicos”. In: *Anais do 1º*

- Encontro do CELSUL*, vol. nº 1. Florianópolis.
- _____. (1997b). "10 anos de Neurolingüística no IEL". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 32, pp. 9-23.
- _____. (1999). "Pressupostos teóricos e dinâmica de funcionamento do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Mesa Redonda: Aspectos neuropsicológicos e discursivos: Centro de Convivência de Afásicos (CCA)". In: *IV Congresso Brasileiro de Neuropsicologia*. Sociedade Brasileira de Neurologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. (2002a). "Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolingüística". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, pp. 99-129.
- _____. (2002b). *Conceitos de Afasia: clássico é clássico e vice-versa*. Aula apresentada à Banca Examinadora do Concurso de Livre-docência do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.
- _____. (2006). "Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados". Texto inédito. CNPq: 521773/95-4.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; GOMES, T. M. (2005). "Sem falar, escrever e ler e ainda sujeito da linguagem". In: *Revista eletrônica do GEL*.
- FREIRE, F. M. P. (2005). *Agenda Mágica: linguagem e memória*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP.
- HYMES, D. (1967). "Models of the Interaction of Language and Social Setting". In: *Journal of social issues*, vol. XXIII, n.º 2, pp 8-28.
- _____. (1973). *Vers la Compétence de Communication*. Paris: Hatier, 1984.
- _____. (1974). *Foundations in Sociolinguistics*. Filadélfia: University or Philadelphia Press, 1974.
- _____. (1977). *Foundations in sociolinguistics. An Ethnographic Approach*. Londres: Tavistock Publications.
- JAKOBSON, R. (1955). "A afasia como um problema lingüístico". In: Lemle, M.; Leite, Y. (orgs.), *Nova Perspectivas lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. (1969). "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- LURIA, A. R. (1981). *Fundamentos em Neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- SAVILLE-TROIKE, M. (1982). *The Ethnography of communication: an introduction*. Nova York: Basil Blackwell, 1989.